

**A mediação angélica:
Uma reflexão a partir de Mt 18,10 e das tradições judaicas**
**Angelic Mediation:
A reflection according to Matthew 18,10 and Jewish traditions**

*Heitor Carlos Santos Utrini¹
Wagner Andrioni²*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo lançar luz sobre o texto de Mt 18,10 a partir do tema da angelologia na tradição judaica. As figuras angelicais estão presentes tanto no AT como no NT. Os textos Neotestamentários fazem uma releitura da temática conforme as tradições oriundas do AT e da tradição judaica como um todo, nas quais é possível perceber diversas figuras angélicas que desempenham diferentes funções. Contudo, o texto de Mt 18,10 parece trazer uma ideia diferente, pois Jesus exorta a não desprezar os pequeninos porque os seus anjos veem continuamente o rosto do Pai do céu. A partir da análise de textos bíblicos e extra-bíblicos, o dito de Jesus será analisado a fim de se entender as tradições existentes por detrás da perícope e ampliar a compreensão acerca da mesma.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso eclesial; Evangelho de Mateus; Anjos; Pequeninos.

ABSTRACT

This article aims to shed light on the text of Matthew 18,10 from the theme of angelology in the Jewish tradition. Angelic figures are present in both the OT and the NT. The New Testament texts make a re-reading of the theme according to the traditions originating from the OT and the Jewish tradition as a whole, in which it is possible to perceive several angelic figures that perform different functions. However, the text of Mt 18:10 seems to bring a different idea, as Jesus exhorts not to despise the little ones because his angels continually see the face of the Father in heaven. From the analysis of biblical and extra-biblical texts, the saying of Jesus will be analyzed to understand the existing traditions behind the pericope and to broaden the understanding about it.

¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino (“Angelicum” – Roma); professor do departamento de teologia da PUC-Rio, editor-gerente da revista ReBiblica.

² Mestrando em Teologia Bíblica pela PUC-Rio, Graduado em Teologia pela FAECAD.

KEYWORDS

Ecclesial discourse; Gospel of Matthew; Angels; Children.

Introdução

A partir da leitura dos Evangelhos pode-se constatar abundantes alusões a anjos, que são seres espirituais a serviço de Deus. Eles são enviados da parte de Deus para fazerem anúncios de nascimento (Lc 1,11.26; 2,9-14; Mt 1,20), advertências (Mt 2,13.19), para servirem Jesus no deserto (Mc 1,12-13; Mt 4,11), para o consolar na agonia do Getsêmani (Lc 22,43) e para proclamarem sua ressurreição (Mt 28,2-3; Mc 16,5; Lc 24,4; Jo 20,11-13). O papel dos anjos está sobretudo ligado à vinda do Filho do Homem e ao juízo final (Mc 8,38; 13,26-27; Mt 13,41-42.49-50; 16,27; 24,31; 25,31; Lc 9,26; 12,8-9).

Muito embora os anjos estejam ligados eminentemente ao ministério de Jesus, por vezes também aparecem vinculados ao bem-estar dos seres humanos. É o que se depreende da passagem de Mt 18,10, objeto deste estudo. O escopo do presente artigo é discutir o contexto religioso por detrás da afirmação de Jesus segundo a qual os anjos dos pequeninos estão diante de Deus. A angelologia fazia parte da piedade judaica daquele contexto, como se verifica em inúmeros outros escritos. E como a Encarnação pressupõe a assimilação de um determinado ambiente histórico, cultural e religioso, quanto mais luzes forem projetadas nesse cenário, mais condições o leitor terá à sua disposição para compreender a afirmação do texto bíblico.

1. O texto de Mt 18,10

Todo o capítulo 18 do evangelho de Mateus é constituído de um discurso no qual o evangelista compendia uma série de ensinamentos relativos à comunidade dos discípulos. É o assim chamado “discurso eclesiástico” que contém orientações variadas para uma correta vida em comunidade. Em 17,24 o leitor é informado que a cena se passa em Cafarnaum, lugar no qual se desenrolou boa parte do ministério público de Jesus. Mas esse discurso não é destinado a qualquer pessoa. Em 18,1 o autor afirma que “naquela hora, os discípulos se aproximaram de Jesus” (Ἐν ἐκείνῃ τῇ ὥρᾳ προσῆλθον οἱ μαθηταὶ τῷ Ἰησοῦ). Como se vê, trata-se de um ensinamento direcionado àqueles que deram adesão à mensagem do Senhor.

Inicialmente, o discurso é motivado pela pergunta dos discípulos acerca do maior no Reino dos céus (v.1). Jesus, tomando uma criança e colocando-a no meio deles, apresenta-a como paradigma do discípulo. “Portanto, quem se rebaixar como esta criança, este é o maior no Reino dos céus” (ὅστις οὖν ταπεινώσει ἑαυτὸν ὡς τὸ παιδίον τοῦτο, οὗτός ἐστιν ὁ μείζων ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν, v.4).

O verbo ταπεινῶ possui o significado elementar de “diminuir o tamanho”, “reduzir”, “rebaixar”, “minimizar”.³ A palavra introduz o tema dos “pequeninos”, que aparecerá em diversos momentos do cap. 18. A partir do v.5, o tema é o escândalo, que no contexto do discurso eclesi-

³ LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Greek-English Lexicon*. With a revised supplement. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 1757.

ástico pode ser entendido como algo que coloca em risco a caminhada do discípulo, mormente a apostasia.⁴ “Se alguém escandaliza um destes pequeninos que creem em mim, melhor para ele que seja amarrada uma mó de asno ao redor de seu pescoço e seja afogado na profundidade do mar” (“Ὁς δ’ ἂν σκανδαλίση ἓνα τῶν μικρῶν τούτων τῶν πιστευόντων εἰς ἐμέ, συμφέρει αὐτῷ ἵνα κρεμασθῆ μύλος ὀνίκος περὶ τὸν τράχηλον αὐτοῦ καὶ καταποντισθῆ ἐν τῷ πελάγει τῆς θαλάσσης”). Este é um dos muitos “ditos gnômicos” de Jesus, introduzidos por um pronome indefinido na forma “quem...”, “aquele que...”, “se alguém...”, cujo objetivo é colocar em evidência as características do seguimento.⁵

Nos vv. 8-9 Jesus adverte para o perigo do escândalo produzido pelas mãos, pés ou olhos. Melhor seria arrancá-los e permanecer mutilado, a ter o corpo íntegro, porém atirado na geena de fogo. É evidente que aqui o texto deverá ser interpretado a partir da simbologia bíblica dos membros do corpo. As mãos simbolizam as ações do homem (2Sm 14,19; Pr 10,4), seus pés representam a conduta (Sl 119,105) e os olhos, órgãos do conhecimento e do juízo (Sl 72,14). Portanto, se algo no proceder do discípulo é causa de escândalo para os pequeninos, isso deverá ser eliminado.⁶

É nesse contexto que se insere o dito que é o foco do presente estudo.

10a	Ὁρᾶτε μὴ καταφρονήσητε ἑνὸς τῶν μικρῶν τούτων ⁷ .	Cuidai para que não desprezeis um [só] destes pequeninos.	10a
10b	λέγω γὰρ ὑμῖν ὅτι	Com efeito, eu vos digo:	10b
10c	οἱ ἄγγελοι αὐτῶν ἐν οὐρανοῖς διὰ παντὸς βλέπουσιν τὸ πρόσωπον τοῦ πατρὸς μου τοῦ ἐν οὐρανοῖς.	Os seus anjos nos céus continuamente veem o rosto do meu Pai que está nos céus.	10c

Uma questão fundamental para a compreensão do versículo é determinar a identidade dos “pequeninos” (τῶν μικρῶν). Este é um tema que perpassa o evangelho de Mateus e não é a primeira vez que ocorre na narrativa. Em 10,42, no discurso missionário, Jesus afirma que “quem der, nem que seja um copo de água fria a um *destes pequeninos* (τῶν μικρῶν τούτων), por ser meu discípulo”, não ficará sem sua recompensa. Em 11,25, Jesus louva ao Pai por ter escondido estas coisas [i.e. os mistérios do Reino] aos sábios e entendidos, “e as revelaste *aos menores* (νηπίοις⁷)”. Nos dois casos, os vocábulos são aplicados aos discípulos, àqueles que por primeiro aderiram à mensagem de Jesus.

No cap. 18, depois de apresentar uma criança (παιδίον) como modelo de discípulo (v. 4), Jesus se identifica com ela ao dizer que “aquele que receber uma criança (παιδίον) como esta

⁴ LUZ, U. *El Evangelio según San Mateo*: Mt 18-25 (vol. III). Salamanca: Sígueme, 2003. p. 39.

⁵ Outros exemplos de ditos gnômicos são Mt 5,32; 10,14; 12,50; 19,29; 20,26.

⁶ Estamos de acordo com o parecer de D. A. CARSON, para quem a metáfora do corpo em Mateus não possui nenhuma relação com a analogia paulina que se refere à Igreja (1Cor 12,12-27). Antes, certas atitudes alimentadas pelos discípulos em relação aos outros é que são aqui condenadas (In: CARSON, D. A. *Matthew*. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.) *The Expositors Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke* (vol. 8). Grand Rapids: Zondervan, 1984. p. 399).

⁷ O vocábulo pode ser entendido tanto em sentido próprio de “indivíduo menor de idade” “pequena criança”, quanto em sentido metafórico indicando o “ignorante”, aquele que não possui competência acadêmica, distinto dos que têm conhecimento da Lei (In: LÉGASSE, S. νήπιος, ἴα, ἰοῦ. In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Dizionario Esetico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 2004, col. 480-481).

por causa do meu nome, recebe a mim” (v. 5). A seguir, nos vv. 6.10.14 há advertências para não escandalizar a um destes pequeninos (τῶν μικρῶν τούτων), para não desprezar nenhum destes pequeninos (ένὸς τῶν μικρῶν τούτων) e, por fim, diz que o Pai não quer que nenhum destes pequeninos se perca (ἐν τῶν μικρῶν τούτων).

Por fim, no último sermão de Jesus no evangelho reaparecerá o tema. Em 25,40.45 Jesus se identifica com todos aqueles que têm fome, sede, que são forasteiros ou estão nus, presos e doentes. Assevera que todas as vezes que fizestes (ou não fizestes) algo em favor “de um destes meus irmãos mais pequeninos” (ένὶ τούτων τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων), foi a mim que o fizestes (ou não).

Como se percebe, o campo semântico é vasto (μικρός, νήπιος, παιδίον, ἐλάχιστος) e, em alguns casos, a identificação dos “pequeninos” com os discípulos é algo bastante evidente. É o caso de 18,5 que praticamente repropõe o ensinamento de 10,40 onde se lê “quem vos acolhe, a mim acolhe e quem me acolhe, acolhe aquele que me enviou” e, em 10,42, são eles os pequenos que creem em Jesus.

Mais complexa é a identificação dos “pequeninos” no cap. 25. Seriam eles discípulos de Jesus que passam por situações variadas de sofrimento (fome, sede, nudez, prisão), justamente por serem discípulos? Ou aqui seriam todos os homens, independentemente da crença no evangelho, mas que foram assumidos por Jesus em virtude de sua encarnação? As duas possibilidades encontram defensores que apoiam sua argumentação no texto de Mateus.⁸

Em 18,10, os “pequeninos” claramente são os discípulos, pois em 18,6 já tinham sido apresentados como “aqueles que creem em mim” (τῶν μικρῶν τούτων τῶν πιστευόντων εἰς ἐμέ). Portanto, são eles cujos anjos continuamente veem o rosto do Pai que está nos céus. Mas o que Jesus queria indicar com tal afirmação?

2. Terminologia, natureza e identidade dos anjos

A terminologia encontrada nos evangelhos se inspira sobretudo na tradição bíblica. O termo “anjo” traduz a palavra grega ἄγγελος no NT e a palavra מַלְאָכִים no AT. Tanto a palavra hebraica quanto a grega se referem, essencialmente, a alguém que é enviado com uma mensagem; portanto, ἄγγελος designa antes de tudo uma função e não um ente. No AT, o מַלְאָכִים / ἄγγελος, geralmente é um ser celestial enviado por Deus (Gn 16,7; Jz 2,1), mas também pode ser um homem enviado por outro indivíduo (Gn 32,3) ou um ser humano enviado por e para representar Deus (LXX Is 9,5; Ml 2,7; Zc 12,8; LXX Ex 23,20-22). Alguns textos não são claros acerca da identidade do mensageiro (Is 63,9; Ml 3,1-3).⁹

Enquanto a tradução usual para מַלְאָכִים é ἄγγελος, a LXX reflete uma tendência de usar a palavra como um termo abrangente para uma variedade de outros vocábulos, como מַלְאָכִים (LXX Sl 8,6; 96,7; 137,1) e מַלְאָכִים הַבְּנֵי / מַלְאָכִים הַבְּנֵי (Jó 1,6; 2,1; 38,7; Dn 3,92). Tal homogeneização da terminologia não permite intuir a mentalidade por detrás do tradutor, embora haja ainda

⁸ Para a visão universalista, vide DAVIES, W. D.; ALLISON, D. C. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to Saint Matthew*, vol. 3. Edimburg: T. & T. Clark, 1997. p. 422-423. 428-429. Para uma compreensão mais restritiva, vide LUZ, 2003. p. 273.

⁹ DAVIDSON, M. Angels. In: GREEN, J. B; BROWN, J. K; PERRIN, N. (ed.) *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Downers Grove/Nottingham: IVP Academic/Inter-Varsity Press, 2013. p. 11.

outros termos, tais como “vigias” (Dn 4,13; 1En 1,2, 5; 6,2), “autoridades”, “gloriosos”, “espíritos” angelicais e outros. “Portanto, é possível que o próprio Jesus tenha usado uma variedade de termos, todos transmitidos nos Evangelhos com a palavra grega *angelos*”¹⁰.

No AT, os anjos estão sobretudo associados à revelação divina. São eles os intérpretes das visões proféticas (Ez 40-48). Os querubins (Ex 25,19; 2Sm 22,11) e serafins (Is 6,2-7) não podem ser associados a figuras angelicais, pois, como foi mencionado acima, anjo é sobretudo uma função e, nesses casos específicos, a eles não é confiada nenhuma mensagem da parte de Deus. Eles são os responsáveis por conduzir o carro de Deus ou por proteger o seu trono. Além de serem mensageiros, os anjos compõem o exército de Deus (Dt 33,2; 1Rs 22,19-22), e são aqueles que o servem em adoração (Sl 103,20; 148,2). Eles protegem os justos (Sl 34,7; 91,11; 1Rs 19,5; Dn 3,28; 6,22) ou exercem julgamento sobre os inimigos de Deus (Gn 19; Nm 22,33; 1Cr 21; Sl 35,5-6; 78,49; Is 37,36).¹¹

No Pentateuco existem textos nos quais o Senhor de certa forma se confunde com a figura de seu anjo (Gn 16,7-11; 18-19). Trata-se de um expediente literário e teológico para preservar a transcendência divina. Embora Deus seja o totalmente Outro, ele continua a se relacionar com os homens, embora o contato direto com Ele não seja permitido (Jz 6,22-23; 13,22).

Das 175 ocorrências de anjos no NT, a frequência do termo aparece de modo irregular. A maioria deles se encontra nos sinóticos (51x), no Apocalipse (67x) e em Atos (21x). Em geral, o anjo é usado para designar o mensageiro (celestial) de Deus, mas também pode indicar o mensageiro humano (apenas três vezes no NT: Lc 7,24; 9,52; Tg 2,25; AT citado em Mt 11,10; Mc 1,2).¹²

Existe uma certa continuidade entre o uso do termo no NT em relação ao AT. Eles continuam a ser mensageiros enviados por Deus e intérpretes da vontade divina. Os textos apenas os mencionam tangencialmente, pois não há no NT nenhum tratado ou doutrina elaborada sobre o tema. Mesmo na Carta aos Colossenses, na qual se afirma que em Cristo todas as coisas foram criadas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: “Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades” (Cl 1,16), a intenção do autor não é desenvolver um discurso sobre a hierarquia angélica, mas demonstrar a superioridade de Cristo sobre tudo e todos.

3. O anjo do Senhor e personagens angélicos

Conforme foi mencionado acima, em determinadas tradições do Pentateuco, é mencionada a figura do “anjo de YHWH” que frequentemente se confunde com o próprio Deus (Gn 16,11, 13; 22,1-18; Nm 22,22-35). Em Ex 23,20-21 se diz que esse anjo carrega o nome de Deus. “Enquanto alguns textos pós-bíblicos preveem uma equipe de quatro dos sete arcanjos, em outras tradições há um interesse particular neste anjo principal; os textos bíblicos relevantes são relidos de maneiras criativas, e o anjo do Senhor recebe novas características e responsabilidades”¹³.

¹⁰ DAVIDSON, 2013, p. 12.

¹¹ DAVIDSON, 2013, p. 12.

¹² BROER, I. ἄγγελος. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (ed.) *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, vol. I. Salamanca: Sígueme, 2005. p. 42.

¹³ DAVIDSON, 2013, p. 14.

Os textos falam de duas tradições que utilizam o tema do “anjo de YHWH” de maneiras distintas. Por um lado, desenvolveu-se a crença em um ser angélico que carregava a presença de Deus e que se confundia com o próprio Deus. Em uma tradição ele é chamado de “Iaoel” que pode ser o nome tanto do anjo quanto o nome do próprio Deus.¹⁴ O nome “Iaoel” deriva da descrição de um anjo que leva o nome de Deus (na forma “Yaho” ou “Iao”) em Ex 23,20-22. Outros textos identificam o anjo do Senhor com a Palavra (*logos*)¹⁵ ou com a Sabedoria (Ex 14,19 em Sir 24,4).¹⁶

A segunda vertente é composta por aquelas tradições bíblicas do “anjo de YHWH” associado a um ser humano em particular. A. van der Kooij, comentando o texto de Ex 23,20-22 destaca a diferença entre o Texto Hebraico e a versão dos LXX. Em hebraico, fala que Deus envia o seu anjo diante do povo para guardá-lo. Cabe ao povo ouvi-lo e obedecê-lo porque “o meu nome está nele” (כִּי שְׁמִי בְּקִרְבּוֹ, v.21). Entretanto, a versão grega modifica a construção dizendo que “meu nome está sobre ele” (τὸ γὰρ ὄνομά μου ἐστὶν ἐπ’ αὐτῷ). Segundo o autor, o tradutor teria querido evitar uma identificação do anjo com o Senhor, porque ele mesmo não pode perdoar pecados, mas somente Deus pode fazê-lo. Segundo A. van der Kooij, o tradutor tinha em mente a figura do Sumo Sacerdote que, segundo Ex 28,36 e 39,30, trazia em sua cabeça uma placa de ouro com a inscrição do nome divino. Dessa forma, a expressão “meu nome está sobre ele” indicaria a indumentária sacerdotal.¹⁷

Não existe um desenvolvimento linear na figura do anjo de YHWH. Os anjos que aparecerão tanto na literatura intertestamentária, quanto em Dn 8,16; 9,21-23 levam nomes próprios. Houve quem defendesse que a partir do exílio Israel desenvolveu uma imagem de Deus mais transcendente e, portanto, distante da realidade material. Para suprir essa distância, teriam então surgido esses seres intermediários que serviriam de ponte entre o mundo de Deus e dos homens. No entanto, a crença nos anjos não foi inventada nesse período, pois ela já estava presente, ainda que com outros matizes.¹⁸

Apesar da crença compartilhada e relativamente universal em anjos, havia algumas discordâncias. Os saduceus, por exemplo, não acreditavam que após a morte os justos fossem transformados em seres semelhantes a anjos (Mc 12,18-27; At 23,6-9). Alguns textos falam

¹⁴ Apocalipse de Abraão: “Quando estava ainda com o rosto por terra, ouvi a voz que dizia: ‘Vai, Iaoel de meu próprio nome, e por meio de meu nome inefável consagra-me este homem e fortalece-o contra o seu terror’” (In: SACCHI, P. Apocalisse di Abramo. In: ID. *Apocrifi dell’Antico Testamento*, vol. 3. Torino: UTET Libreria, 1999. p. 84-85).

Apocalipse de Moisés: “Depois de ter dito essas coisas, o Senhor nos expulsou do paraíso. Vosso pai chorou na presença dos anjos diante do paraíso; e lhe disseram os anjos: ‘O que queres que façamos por ti, Adão?’ Vosso pai respondeu aos anjos, dizendo: ‘Peço-vos, deixai-me tomar os perfumes do paraíso: dessa forma, uma vez fora, poderei sacrificar a Deus e ser atendido por ele’. Os anjos se aproximaram e disseram a Deus: ‘Iaoel, rei eterno, permite que Adão tome os aromas perfumados do paraíso’. E Deus deu ordem que Adão andasse a tomar os aromas perfumados do paraíso” (In: SACCHI, P. Apocalisse di Mosè. In: ID. *Apocrifi dell’Antico Testamento*, vol. 2. Torino: UTET Libreria, 2006. p. 435-436).

¹⁵ “(...) na primeira vez é ela que foge, sem ter sido exilada e, depois de ter encontrado um anjo, que é uma Palavra divina, volta para a casa de sua senhora” (In: FILONE DI ALESSANDRIA. I Cherubini. In: ID. *Tutti i Trattati del Commentario Allegorico alla Bibbia* [a cura di RADICE, R.]. Milano: Bompiani, 2005, 3).

¹⁶ DAVIDSON, 2013, p. 14.

¹⁷ VAN DER KOOIJ, A. LXX Exodus 23 and the Figure of the High Priest. in: AITKEN, J. K.; DELL, K. J.; MASTIN, B. A. (edd.) *On Stone and Scroll: Essays in Honour of Graham Ivor Davies*. Berlin: de Gruyter, 2012. p. 543.

¹⁸ BAKER, M. *The Great Angel. A study of Israel’s Second God*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1992. p. 70.

de quatro arcanjos¹⁹, enquanto outros falam de sete.²⁰ Josefo testemunha que a comunidade de Qumran conservava com cuidado diversos ensinamentos, dentre os quais os nomes dos anjos.²¹ Como até aqui se percebe, os Evangelhos parecem ter sua própria perspectiva sobre o reino angélico, seu lugar nos propósitos de Deus em geral e em relação a Jesus em particular.²²

Um elemento peculiar do judaísmo do séc. I é a angelologia da comunidade de Qumran refletida sobretudo em 4QShirShab 1, col I.²³ Foram encontrados quatro manuscritos na Gruta 4, e ainda uma cópia na fortaleza de Massada. São orações compostas pela comunidade, datadas provavelmente de 50 a.C. a 50 d.C., e que consiste em liturgias compostas para cada sábado, de acordo com o calendário essênio. A obra reflete uma concepção de sete céus, com sete príncipes dos anjos, sete príncipes de segunda ordem, sete línguas e sete palavras. Acerca da função dos anjos, o texto diz que Deus “estabeleceu para si sacerdotes que se aproximam, os mais santos dos santos. [...] Deus] dos divinos, sacerdotes das alturas excelsas, que se aproximam [...]” (linhas 19-20). Portanto, são atribuídas aos anjos funções sacerdotais a partir daquela crença de que o Templo terreno era uma cópia do Templo celeste com sua divina liturgia.²⁴

Associado ao tema dos anjos e da liturgia celeste, a imagem de Melquisedec recebe uma interessante reelaboração nos escritos da Comunidade de Qumran. Enquanto o AT menciona o personagem apenas em Gn 14,18-20 e Sl 110,4, em Qumran o nome Melquisedec aparece em três diferentes obras: (1QApGen; 4Q401 e 11Q17 [*Shirot 'olat hashabbat*]; HQMelch). O Gênesis apócrifo traz praticamente uma paráfrase do texto bíblico de Gn 14. Mais interessante é o texto composto no interior da comunidade que é um *pésheh*²⁵ temático de diferentes passagens da Escritura, sobretudo Is 61,1-3. O texto descreve os acontecimentos referentes ao décimo jubileu e continuamente repete o nome de Melquisedec, geralmente acompanhado de algum complemento (“herança de Melquisedec”, “lote de Melquisedec”, “ano da graça de Melquisedec”). Por fim, afirma:

¹⁹ “Então Miguel, Gabriel, Suriel e Uriel olharam do céu e viram a quantidade de sangue que escorria sobre a terra e toda a iniquidade que se fazia sobre a terra” (In: SACCHI, P. Libro di Enoc. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 1. Torino: UTET Libreria, 2006. p. 475.)

²⁰ “E estes são os nomes dos santos anjos que vigiavam: Uriel, um dos anjos santos, (aquele) dos trovões e do tremor; Rafael, um dos anjos santos, aquele dos espíritos dos homens; Raguel, um dos anjos santos, vingador do mundo e das luzes; Miguel, um dos anjos santos, que era encarregado sobre a bondade dos homens, sobre o povo; Sarcael, um dos anjos santos que (era preposto) sobre os espíritos dos homens que fazem errar os espíritos; Gabriel, um dos anjos santos, que era (preposto) sobre as serpentes, sobre o Paraíso e sobre os querubins” (In: SACCHI, 2006, p. 497). “Vi sete homens vestidos de branco que me disseram: ‘Levanta-te e toma a veste do sacerdócio, a coroa da justiça, o peitoral da inteligência, a estola da verdade, o diadema da fidelidade, a mitra da cabeça e o efod da profecia” (SACCHI, P. Testamento di Levi. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 1. Torino: UTET Libreria, 2006. p. 789-808.)

²¹ “Além disso, ele jura de não transmitir a alguém as regras de maneira diferente da que ele as recebeu, de se abster de brigas e de guardar os livros de sua seita com o mesmo cuidado que os nomes dos anjos” (FLAVIO GIUSEPPE. *La Guerra Giudaica*, vol. I [a cura di VITUCCI, G.]. Torino: Mondatori, 2009, 2,142).

²² DAVIDSON, 2013, p. 12.

²³ GARCÍA MARTÍNEZ, F. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 468.

²⁴ DIMANT, D. Qumran Sectarian Literature. In: STONE, M. E. (ed.) *Jewish Writings of the Second Temple Period: Apocrypha, Pseudepigrapha, Qumran Sectarian Writings, Philo, Josephus*. Assen/Philadelphia: Van Gorcum/ Fortress Press, 1984. p. 524-525.

²⁵ *Pésheh* é uma palavra hebraica que significa “interpretação” e é um tipo de *midrash* praticado pela comunidade de Qumran. Segundo essa técnica interpretativa, o texto bíblico possui um significado oculto e, após a passagem, o comentarista oferece sua atualização. São identificados acontecimentos e pessoas das Escrituras com acontecimentos e pessoas do tempo do intérprete (In: ALETTI, J.-N. et alii. *Vocabulario Razonado de la Exégesis Bíblica*. Los términos, las aproximaciones, los autores. Estella: Verbo Divino, 2007. p. 121).

Porém Melquisedec executará a vingança dos juízos de Deus [nesse dia, e eles serão libertados das mãos] de Belial e das mãos de todos os es[píritos de seu lote.] Em sua ajuda (virão) todos os “deuses de [justiça]; ele] é que[m prevalecerá nesse dia sobre] todos os filhos de Deus, e ele pre[sidirá a assembleia] esta (11QMelch 13-14).

O texto aponta para um contexto escatológico. A libertação do poder de Belial é um evento escatológico que comparece em outros textos da comunidade. Como se percebe, Melquisedec é um libertador escatológico e um agente do juízo divino. Ele não age sozinho, mas está acompanhado de todos os seres divinos. A função de Melquisedec é julgar anjos. Portanto, ele é ao mesmo tempo libertador escatológico e líder de tropas angelicais.

Isso demonstra que, embora se conheçam as origens terrenas de determinados personagens, isso não exclui necessariamente a sua (re)interpretação na forma angélica. Isso é comprovado por uma provável alusão a Melquisedec encontrada em outra composição. Trata-se das “Visões de Amram” (4Q544-548), um escrito que ao que tudo indica, tem origem anterior à comunidade de Qumran, mas que influenciou decididamente na elaboração de sua teologia. Em sua visão dualista, existe uma disputa entre dois personagens: o primeiro “deles tinha um aspecto horrível [...] e sua veste estava colorada e obscurecida pelas trevas [...]”, ao passo que o outro “e eis [...] em seu aspecto e sua face sorria” (4Q544,13-14). O texto está de tal maneira corrompido a ponto de ter restado apenas o nome de um dos antagonistas. Seu nome é Melki-Resha (4Q544, fragmento 2). Se a hipótese estiver correta, o outro seria Melquisedec.²⁶

Embora apenas o nome Melkiresha seja preservado, outros escritos fornecem outros nomes para ele, como Príncipe das Trevas, ou mesmo Belial, antagonista de Melquisedec em 11QMelch.

Temos boas razões para supor que o oponente da figura angélica maligna Melkiresha seja Melquisedec. O protagonista de 11QMelch mostra conexões estreitas com o material evidente nas *Visões de Amram*. Ele é uma figura transcendente, um arcanjo, em forte oposição a Belial (que pode ser interpretado como um nome paralelo de Melkiresha de *Amram*), uma oposição que culmina em uma batalha feroz. Além disso, ele governa seu lote, que são os filhos da luz (11QMelch ii 8, cp. 4Q544 frg. 2,6; frg. 3,1). Além disso, o nome deve ter sido modelado após Melquisedec. Assim, supondo que um dos três nomes do protagonista positivo das *Visões de Amram* seja Melquisedec, encontramos outra aparência dele como um anjo.²⁷

O imaginário judaico estava de tal maneira invadido pela crença nos anjos, que eles passaram a servir de inspiração para um determinado padrão de vida ou de comportamento a ser buscado pelos fiéis, sobretudo na dimensão ascética. Os anjos não comem (ao menos não se alimentam de comidas normais)²⁸, estão sempre despertos, prontos para atender aos apelos

²⁶ COLLINS, J. J. Powers in heaven: God, Gods and Angels in the Dead Sea Scrolls. In: COLLINS, J. J.; KUGLER, R. A. (edd.) *Religion in the Dead Sea Scrolls*. Grand Rapids/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000. p. 18

²⁷ XERAVITS, G. G. *King, Priest, Prophet: Positive eschatological protagonists of the Qumran Library*. Leiden: Brill, 2003. p. 202-203.

²⁸ “Aseneth respondeu: ‘Mandarei um jovem no subúrbio porque nossa propriedade no campo está próxima, e de lá te trará imediatamente um favo de mel e o oferecerei a ti, senhor’. O homem lhe disse: ‘Vai adiante e entra em tua dispensa, encontrarás um favo de mel apoiado na mesa. Toma-o e traze-o aqui’. Respondeu Aseneth: ‘Senhor, em minha dispensa não há nenhum favo de mel’. Disse o homem: ‘Vai e o encontrarás’. Aseneth entrou em sua dispensa e encontrou um favo de mel apoiado na pesa. O favo era grande, branco como neve e cheio de mel. Aquele mel era como orvalho do céu e sua fragrância como a fragrância de vida” (SACCHI, P. Giuseppe e Aseneth. In: ID. *Apocrifi dell’Antico Testamento*, vol. 4. Brescia: Paideia, 2000, 16,4-8).

divinos.²⁹ Enquanto um grupo de anjos se deixa corromper e mantém relações sexuais com mulheres cujo fruto são os gigantes, seu pecado não ficará impune.³⁰ Assim, os anjos são modelos de continência para os homens.³¹

4. Anjos protetores de indivíduos e nações

Enquanto outros povos admitiam a existência de anjos (ou divindades) guardiãs para os indivíduos³², Israel tendia a assumir uma postura mais reticente nessa matéria. Isso porque diante da crença no monoteísmo que foi gradualmente se formando, sobretudo a partir do exílio, percebe-se uma tomada de distância de determinadas práticas dos povos pagãos.

Não obstante isso, no livro de Jó existem algumas menções a um intercessor celeste. Eli-faz recomenda a Jó gritar para ver se alguém lhe responderia, “a qual dos santos te dirigirás?” (Jó 5,1). Eliú, falando do ocaso da vida humana, diz que o homem se aproxima da sepultura “a não ser que encontre um anjo perto de si, um mediador entre mil, que lembre ao homem seu dever” (33,23). Por duas vezes o próprio Jó demonstra acreditar nesses seres. Em 16,19-21 ele afirma: “Tenho, desde já, uma testemunha nos céus, e um defensor nas alturas; intérprete de meus pensamentos junto a Deus, diante do qual correm minhas lágrimas; que ele julgue entre o homem e Deus”. Ainda em 19,25 exclama: “Eu sei que meu defensor está vivo e que no fim se levantará sobre o pó”.

Todavia, em um texto se demonstra cético acerca dessa possibilidade. Em 9,33-34 assevera que “não existe árbitro entre nós, que ponha a mão sobre nós dois, para afastar de mim a sua ira e rechaçar o medo de seu terror”. Ao que tudo indica, ele não crê na probabilidade de que alguém se interponha na querela entre ele e Deus, pois nenhum ser teria autoridade sobre Deus para dirimir a questão.

É muito provável que em extratos mais antigos da religião hebraica, a crença em anjos ou divindades menores tenha desempenhado um papel muito mais importante do que o testemunhado no texto massorético da Bíblia Hebraica. Algumas passagens pressupõem a crença – ao menos quanto à sua existência – em outras divindades (Sl 82; 89,1-9; Dt 32,8-9.43). Na medida em que a convicção na realidade de uma só divindade foi se afirmando, a crença em outros seres foi desaparecendo de modo oficial e, somente no período do Segundo Templo, algo ressurgiu no aspecto dos anjos guardiões.³³

²⁹ “E Enoc, homem justo, cujos olhos tinham sido abertos pelo Senhor e via uma visão santa nos céus (...). E todos tremerão, e tremerão os anjos vigilantes, e lhes tomará o susto e grande terror, até os confins da terra” (In: SACCHI, 2006, p. 467-468.)

³⁰ “Enoc, escritor de justiça, vai, anuncia aos anjos vigilantes do céu que abandonaram o céu excelso e a sede santa para sempre e se corromperam com as mulheres e agiram como os filhos dos homens e tomaram para si as mulheres e cometeram grande corrupção sobre a terra e para os quais não haverá paz na terra, nem remissão do pecado (In: SACCHI, 2006, p. 482-483; p. 472-490).

³¹ DAVIDSON, 2013, p. 13.

³² Os gregos admitiam a existência de *daimones* como divindades intermediárias entre os deuses e os homens. Hesíodo fala de certos espíritos puros que moram na terra e atuam como guardiões dos mortais (HESIOD. Works and Days. In: ID. *Theogony, Works and Days, Testimonia* (edited and translated by MOST, G. W.). Cambridge/London: Harvard University Press, 2006. p. 122-126).

³³ HANNAH, D. D. Guardian Angels and Angelic National Patrons in Second Temple Judaism and Early Christianity. In: REITERER, F. V.; NICKLAS, T.; SCHÖPFLIN, K. (edd.) *Angels: The Concept of Celestial Beings – Origins, Development and Reception*. Berlin/New York: De Gruyter, 2007. p. 415-416.

No *Testamento Hebraico de Neftali* ressoa o texto de Dt 32,8-9, mas o associa ao episódio da torre de Babel (Gn 11,1-19). Por ocasião da construção da torre, Deus dividiu os povos em setenta línguas distintas, que era o número dos anjos, liderados por Miguel, a serviço de Deus. Cada nação deveria escolher um mediador no céu, “mas nenhuma delas se recordou do nome do Santo, bendito seja” (9,4). E depois de todas as nações elegerem seus representantes, chega a vez de Abraão: “Eu escolho e adiro Àquele que falou e o mundo foi feito; que me criou no ventre de minha mãe, corpo dentro de um corpo, e que a esse corpo acrescentou espírito e alma. Escolho-o e a Ele me uno, eu e minha descendência por todos os dias do mundo” (9,5). Essa crença no patrono celeste se refletirá em outros textos da tradição judaica posterior.³⁴

Na Escritura há um texto que retrata a mesma crença nos anjos protetores das nações. Em Dn 10 o autor descreve a visão de um anjo (Gabriel?). Depois de apresentar o seu aspecto (vv.5-6), os vv.12-14 falam da missão do enviado celestial. A ideia de fundo é a de que aquilo que acontece no mundo dos homens é uma espécie de cópia de uma realidade celeste. Portanto, se as nações guerreiam entre si, a mesma batalha é encampada no céu. Esse anjo está lutando contra o reino da Pérsia e é auxiliado por Miguel. Mas depois que essa luta terminar, ele deverá combater o príncipe dos gregos (v.21).

A crença em anjos protetores de indivíduos não é algo que aparece com tanta frequência nos escritos judaicos, o que não significa que o tema não fosse relevante para a piedade da época. Somente pelo fato de que ele entrava na esfera da piedade privada e não da religião pública, razão pela qual ocorre menos vezes.³⁵ Apesar disso, alguns textos demonstram essa convicção.

O *Livro de Tobias* é um bom exemplo disso. Trata da história de um jovem que é enviado por seu pai a uma terra distante e é acompanhado no percurso por um anjo de nome Rafael (5,4). Além de o conduzir são e salvo até o seu destino, Rafael ensinou a Tobias uma técnica de exorcismo para afugentar o demônio Asmodeu que atormentava sua esposa Sara e já tinha matado sete de seus maridos na noite de núpcias (Tb 8). Além disso, o anjo auxiliou na cura da cegueira do pai de Tobias (Tb 11). Quando sua identidade foi finalmente revelada, disse: “Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre presentes e têm acesso junto à Glória do Senhor” (12,15). Um elemento relevante aqui é a afirmação de que o anjo está sempre na presença de Deus, o que dialoga com o texto de Mt 18,10. Contudo, a missão do anjo não é acompanhar Tobias durante toda a sua vida, mas apenas nessa ocasião determinada por Deus.

Outro testemunho interessante é encontrado no *Livro dos Jubileus*. A partir de uma releitura do texto de Gn 35, o autor descreve um diálogo entre Rebeca e Isaac. Ela está preocupada porque sabe da maldade de Esaú e de suas intenções perversas em relação a seu irmão Jacó. Isaac, por sua vez, tenta tranquilizá-la dizendo que nada acontecerá a Jacó: “E tu, não temais por Jacó, porque o protetor de Jacó é maior, mais forte, honrado e celebrado que o de Esaú” (35,16). Este é um texto mais claro acerca da crença de protetores celestes na piedade judaica.

³⁴ É o que se verifica no *Targum do Pseudo-Jonatan*: “Então o Senhor disse aos setenta anjos que estavam diante dele: “Vinde, desçamos, e confundamos ali a língua deles, para que não entendam a língua uns dos outros”. A Memra do Senhor foi revelada contra a cidade; e com ela setenta anjos que correspondem a setenta nações, cada qual tendo a língua de seu povo e os caracteres de sua escrita em sua mão. Ele os espalhou pela face de toda a terra em setenta línguas, de modo que um não sabia o que o outro dizia, e eles se mataram. E pararam de construir a cidade” (In: MAHER, M. *Targum Pseudo-Jonathan: Genesis*. In: McNAMARA, M. (ed.) *The Aramaic Bible: The Targums*, vol. 1B. Collegeville: The Liturgical Press, 1992, 11,7-8).

³⁵ HANNAH, 2007, p. 423.

Por fim, um último vestígio pode ser encontrado nos escritos de Filon de Alexandria. Sua angelologia é dependente da concepção da demonologia platônica. No tratado *De Somniis*, afirma: “Os outros filósofos os chamam ‘demônios’, mas a Sagrada Escritura ‘anjos’, com termo mais apropriado, porque transmitem as ordens do Pai aos filhos e a necessidades dos filhos ao Pai” (141). Em uma ocasião ele afirma que, desde o nascimento, os homens têm um guardião que o protege. O problema é que ele também possui um demônio ou anjo mal que o acompanha.

Em cada alma, desde o seu nascimento, entram dois poderes, o salutar e o destrutivo. Se o salutar é vitorioso e prevalece, o oposto é muito fraco para ver. E se o último prevalecer, nenhum lucro ou muito pouco é obtido pelo salutar. Por meio desses poderes, o mundo também foi criado. As pessoas os chamam por outros nomes: o (poder) salutar eles chamam de poderoso e benéfico, e o oposto (chamam) ilimitado e destrutivo.³⁶

Os diferentes textos até aqui apresentados revelam um substrato religioso rico e plural no que concerne à angelologia. Se por um lado, as diversas correntes judaicas normalmente acreditavam na existência de anjos, por outro a concepção de cada uma delas era bastante diversificada quanto ao seu relacionamento com povos e indivíduos. De qualquer forma, é a partir do contexto religioso daquele tempo que se consegue entender um pouco mais do significado da afirmação de Jesus em Mt 18,10.

Considerações finais

Através dos diversos textos que foram abordados ao longo desta pesquisa, é possível inferir que a angelologia no imaginário judaico é bastante complexa e diversificada. Ela estava fundamentada em tradições bem antigas que foram se desenvolvendo e evoluíram, na medida em que a religião judaica passou a ser compreendida como uma religião monoteísta.

Isso não impediu o surgimento de seres intermediários, que frequentemente se confundiam com o próprio Deus, como é o caso do “Anjo de YHWH” que comparece em inúmeros textos do AT, sobretudo em algumas tradições do Pentateuco. De qualquer forma, por mais que nos círculos oficiais mais elevados da religião judaica a crença nos anjos não fosse sequer ventilada – como é o caso da seita dos saduceus, que por meio do Sumo Sacerdote controlava o Templo – por outro lado, em outros estratos da religião, sobretudo nos de maior apelo popular, as figuras angelicais continuaram a povoar o imaginário popular.

O texto de Mt 18,10 reflete essas tradições quando Jesus fala sobre os anjos dos pequeninos que veem continuamente o rosto do Pai que esta nos céus. Embora não haja tantos textos que falem sobre anjos protetores de indivíduos, a análise dos textos evidenciou determinadas tradições que tratavam sobre isso e não seria forçoso dizer que o próprio Jesus tinha conhecimento dessas tradições.

Longe de enfraquecer a imagem soberana de Deus ou de relativizar o dogma fundamental do judaísmo acerca de sua unicidade, o dito de Jesus salienta o aspecto amoroso de Deus em seu cuidado constante das criaturas. Os anjos que contemplam constantemente o rosto do Pai do

³⁶ PHILO. *Questions on Exodus* (translated from the ancient Armenian version of the original Greek by MARCUS, R.). Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann Ltd, 1987. p. 23.

céu ali estão para falar em nome dos pequeninos que podem ser esquecidos e abandonados não apenas pelos maiores do mundo, mas também no interior da comunidade cristã, que deveria zelar pelo seu bem.

Assim sendo, ainda que eventualmente alguma pessoa escapasse dos cuidados dos discípulos de Jesus, Deus não a perderia de vista, pois suas necessidades seriam apresentadas. O objetivo do dito, portanto, não é oferecer à comunidade uma lição de angelologia pura e simples – ainda que algumas informações estejam pressupostas. O que se pretende na verdade é ilustrar de maneira plástica o cuidado do Pai do céu que não economiza esforços para o bem de seus preferidos.

Referências

- ALETTI, Jean-Noel. et alii. *Vocabulario Razonado de la Exégesis Bíblica*. Los términos, las aproximaciones, los autores. Estella: Verbo Divino, 2007.
- BAKER, Margeret. *The Great Angel*. A study of Israel's Second God. Louisville: Westminster John Knox Press, 1992.
- BROER, Ingo. ἄγγελος. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (edd.) *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, vol. I. Salamanca: Sígueme, 2005, col. 40-47.
- CARSON, Donald Arthur. Matthew. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.) *The Expositors Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke* (vol. 8). Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 3-599.
- COLLINS, John J. Powers in Heaven: God, Gods and Angels in the Dead Sea Scrolls. In: COLLINS, John J; KUGLER, Robert A. (ed.). *Religion in the Dead Sea Scrolls*. Grand Rapids/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000, p. 9-28.
- DAVIES, William David; ALLISON, Dale C. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to Saint Matthew*, vol. 3. Edimburg: T. & T. Clark, 1997.
- DIMANT, Devorah. Qumran Sectarian Literature. In: STONE, Michael E. (ed.) *Jewish Writings of the Second Temple Period: Apocrypha, Pseudepigrapha, Qumran Sectarian Writings, Philo, Josephus*. Assen/Philadelphia: Van Gorcum/Fortress Press, 1984, p. 483-550.
- FLAVIO GIUSEPPE. *La Guerra Giudaica*, vol. I (a cura di VITUCCI, G.). Torino: Mondadori, 2009.
- FILONE DI ALESSANDRIA. I Cherubini. In: ID. *Tutti i Trattati del Commentario Allegorico alla Bibbia* (a cura di RADICE, R.). Milano: Bompiani, 2005, p. 313-375.
- DAVIDSON, Maxwell. Angels. In: GREEN, Joel B.; BROWN, Jeannine K.; PERRIN, Nicholas (edd.) *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Downers Grove/Nottingham: IVP Academic/Inter-Varsity Press, 2013, p. 11-17.
- GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HANNAH, D. D. Guardian Angels and Angelic National Patrons in Second Temple Judaism and Early Christianity. In: REITERER, Friedrich V.; NICKLAS, Tobias; SCHÖPFLIN, Karin (edd.) *Angels: The Concept of Celestial Beings – Origins, Development and Reception*. Berlin/New York: De Gruyter, 2007, p. 413-435.
- HESIOD. Works and Days. In: ID. *Theogony, Works and Days, Testimonia* (edited and translated by MOST, G. W.). Cambridge/London: Harvard University Press, 2006, p. 86-153.
- LÉGASSE, Simon. νῆπιος, ἴα, ἰοῦ. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 2004, col. 480-481.

- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *Greek-English Lexicon*. With a revised supplement. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo: Mt 18-25* (vol. III). Salamanca: Sígueme, 2003.
- LUZ, Ulrich. *Matthew 21-28: A Commentary*. Minneapolis: Fortress, 2005.
- MAHER, Michael. Targum Pseudo-Jonathan: Genesis. In: McNAMARA, Martin (ed.) *The Aramaic Bible: The Targums*, vol. 1B. Collegeville: The Liturgical Press, 1992.
- PHILO. *Questions on Exodus* (translated from the ancient Armenian version of the original Greek by MARCUS, R.). Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann Ltd, 1987.
- SACCHI, Paolo. Apocalisse di Abramo. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 3. Torino: UTET Libreria, 1999, p. 61-108.
- _____. Giuseppe e Aseneth. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 4. Brescia: Paideia, 2000, p. 423-525.
- _____. Apocalisse di Mosè. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 2. Torino: UTET Libreria, 2006, p. 417-446.
- _____. Libro di Enoc. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 1. Torino: UTET Libreria, 2006, p. 413-667.
- _____. Libro dei Giubilei. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 1. Torino: UTET Libreria, 2006, p. 179-411.
- _____. Testamento Ebraico di Neftali. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 1. Torino: UTET Libreria, 2006, p. 909-935.
- _____. Testamento di Levi. In: ID. *Apocrifi dell'Antico Testamento*, vol. 1. Torino: UTET Libreria, 2006, p. 789-808.
- VAN DER KOOIJ, A. LXX Exodus 23 and the Figure of the High Priest. In: AITKEN, James. K.; DELL, Katharine J.; MASTIN, Brian A. (edd.) *On Stone and Scroll: Essays in Honour of Graham Ivor Davies*. Berlin: de Gruyter, 2012, p. 537-549.
- XERAVITS, Géza G. *King, Priest, Prophet: Positive eschatological protagonists of the Qumran Library*. Leiden: Brill, 2003.

Submetido em: 03/08/2023

Aprovado em: 17/11/2023